

Motivos de escolha dos candidatos presidenciais

Comparação de duas sondagens: Novembro de 1994, Dezembro de 2000

(resultados para o concelho de Lisboa)

Paula do Espírito Santo, Universidade Técnica de Lisboa

e-mail: epsanto@iscsp.utl.pt

INTRODUÇÃO

O estudo das decisões de voto tem sido alvo de diversas abordagens e suscitado o interesse de diferentes áreas científicas, desde finais do século XIX. Distantes das abordagens que moldaram mais marcadamente a investigação contemporânea, estiveram os historiadores franceses dos finais do século XIX, inícios do XX que se detinham sobre os condicionalismos histórico-geográficos das diferentes tendências de voto entre regiões. A partir destes destacar-se-ia uma abordagem baseada na geografia eleitoral desenvolvida por André Siegfried que culminou com a publicação da sua obra em 1913, *Tableau politique de la France de l' Ouest*. A sua análise diferenciou-se das anteriores. Não descurou motivos de natureza histórica que explicariam diferentes tendências entre regiões francesas – caso da Normandia, Bretanha e Oeste Interior. No entanto, Siegfried fez sobretudo uma associação das decisões de voto com diversos outros factores como os modos de povoamento, os tipos de habitat predominantes nessas regiões ou a forma de relacionamento do clero com as comunidades locais. Considera-se aquele o precursor da Sociologia Eleitoral em França.

A obra que viria a marcar decisivamente o início dos estudos das decisões de voto seria dirigida por Paul Lazarsfeld (1944), *The People's Choice*, da Universidade de Columbia. A sua metodologia de investigação baseada num inquérito por amostragem – neste caso usou-se uma amostra aleatória de 600 eleitores do condado de Ohio – passou a ser corrente a partir daí, sendo, hoje em dia, a técnica mais utilizada para analisar condicionalismos do comportamento eleitoral. Tal como nos estudos orientados por Lazarsfeld, bem como os que

saíram da Universidade de Michigan em período coevo, neste último caso baseados em amostras maiores, estudaram-se e estudam-se, hoje em dia, grupos de pertença dos eleitores com base em variáveis demográficas, sócio-económicas, no partido político ou na religião. Da Universidade de Michigan saiu, nos anos 60, uma obra fundamental nesta área dirigida por de Campbell, Converse, Miller e Stokes, *The American Voter*. Desta obra sobressaiu a importância do partido político bem como da idade na determinação da escolha eleitoral. O enunciar de contributos seria vasto, querendo esta breve abordagem apenas reforçar a importância do estudo dos perfis dos eleitores para a previsão e melhor ajustamento de soluções eleitorais e satisfatórias do ponto de vista do encontro das necessidades democráticas.

É com o reforço permanente da investigação empírica que se pode compreender melhor fenómenos como a volatilidade eleitoral, a abstenção, a ‘independência’ de potenciais eleitores face aos processos ideológico/partidários e eleitorais. A determinação do peso dos efeitos conjunturais sobre o comportamento eleitoral deve ser tomada em consideração. Os efeitos económicos, sociais e políticos produzem reflexos, a um tempo, em determinado espaço, sobre as decisões de voto. Não é por isso prudente reproduzir soluções eleitorais que funcionam em determinado sistema político ou que parecem explicar contextos de actuação de outros eleitorados. As comparações são legítimas desde que se preserve e compreenda a linha de fronteira sistémica.

O objectivo do presente estudo é o da comparação em termos evolutivos dos resultados de duas sondagens feitas a cerca de um mês das eleições presidenciais de 1995 e de 2001, no concelho de Lisboa. Os procedimentos metodológicos de constituição das duas sondagens foram idênticos, nomeadamente a concepção do questionário, a construção de variáveis, a selecção do universo, os tipos e dimensão de amostras, as técnicas de recolha de dados.

Trataram-se as atitudes (ou defesa de determinadas posições) e comportamentos (ou acções), dos recenseados do concelho de Lisboa, relativamente a alguns aspectos directa e indirectamente ligados às eleições. Os questionários que estiveram na base do estudo

dividem-se em áreas temáticas onde se abordam os seguintes assuntos: importância da votação, participação eleitoral, fidelidade do voto, motivos de selecção do candidato a Presidente, hábitos de audiência e leitura de meios de comunicação social. As variáveis hipoteticamente independentes consideradas foram o sexo, a idade, as habilitações literárias e a ocupação mas nem sempre foram analisadas por não se revelarem explicativas.

Pretendeu-se observar a evolução de diversas variáveis relacionadas com a temática das eleições. A título de exemplo refira-se que procurou saber-se os aspectos que mais influenciam o eleitorado na escolha de um candidato a Presidente da República junto de uma amostra dos recenseados do concelho de Lisboa. Destacaram-se duas categorias: a maneira de ser do candidato e o partido do candidato. Apresentou-se, mais adiante, no questionário, a pergunta de forma mais restrita, equacionando-a de maneira a que o inquirido apenas pudesse optar por um daqueles factores de selecção do candidato a Presidente. Quer no estudo realizado em Novembro de 1994 quer em Dezembro de 2000, as respostas maioritárias foram para a maneira de ser do candidato (78% em 1994 e 69% em 2001) como o elemento mais importante para a escolha do Presidente da República.

Com uma distância de cinco anos entre sondagens idênticas em termos técnicos, pode-se concluir que a evolução dos resultados foi no sentido de confirmar as tendências referenciadas para o período de Novembro de 1994, para as variáveis consideradas. Esta conclusão pode ser fundamentada em motivos de ordem sócio-económica já que na conjuntura considerada verificou-se até, pelo menos, à data da segunda sondagem, uma tendência para a continuidade e permanência de hábitos de vivência, nomeadamente de consumo, de valores, de políticas de escolha de candidatos políticos.

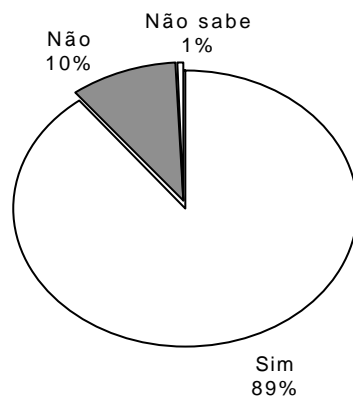
Análise de resultados

1. A importância do voto e a participação eleitoral

Na sondagem realizada em Novembro de 1994, a cerca de dois meses das eleições presidenciais, chegou-se a uma conclusão semelhante à da sondagem realizada em Dezembro

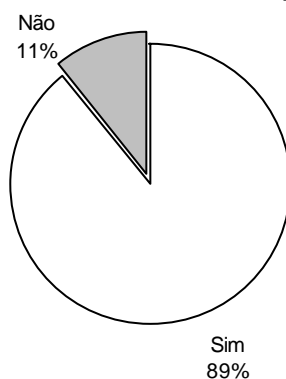
de 2000. Em ambas houve distinção clara por parte dos inquiridos entre duas situações que foram, por um lado, a de considerar o acto de votar como importante ou não e, por outro, a iniciativa de voto propriamente dita.

Graf.1-'Para si votar é importante?'



Considerou-se que mesmo em situações de sufrágio que costumam apresentar maior número de abstenções (como é o caso das eleições para o Parlamento Europeu e das eleições Autárquicas), não votar não traduz necessariamente alheamento relativamente à importância do voto. Esta hipótese confirmámo-la quando à primeira pergunta «Para si, votar é importante?», a maioria (90%) dos inquiridos respondeu sim. Na sondagem mais recente a tendência foi a mesma com cerca de 89% dos inquiridos a responderem sim.

Gráf. 1.B - 'Para si, votar é importante?'

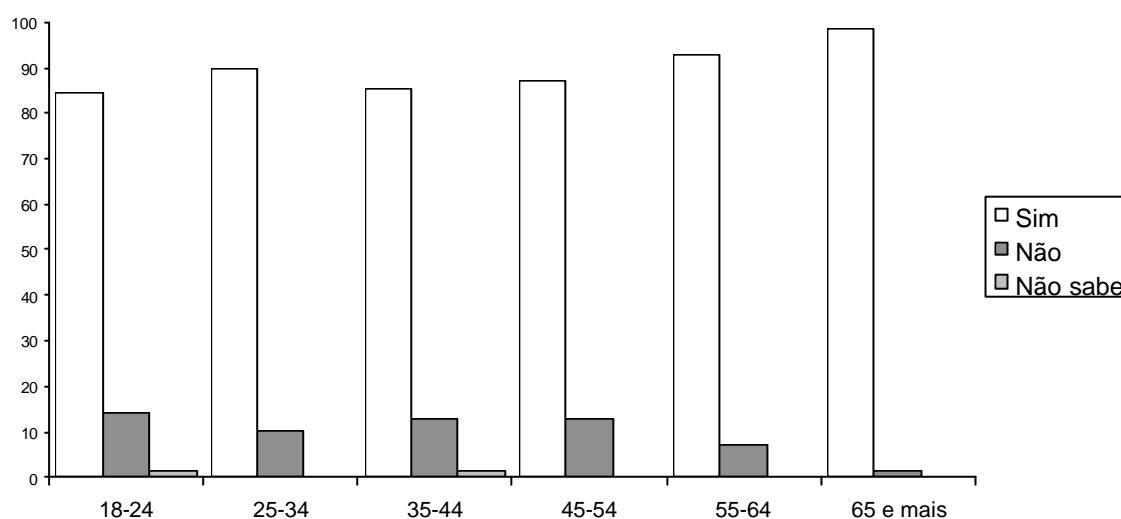


As respostas à pergunta «Costuma votar?» confirmaram a distinção entre a importância de votar e o acto propriamente dito. Em Novembro de 1994 havia uma percentagem de 76%

dos inquiridos a responderem que votavam sempre (gráfico 3). Na sondagem de Dezembro de 2000, o valor para os que votam sempre foi de cerca de 79% (ver gráfico 3 B). Refira-se que nesta sondagem destacou-se os que não votaram porque não tinham idade, que na sondagem anterior foram incluídos na categoria “não”. Existe correspondência entre as duas sondagens quanto à participação eleitoral em eleições anteriores.

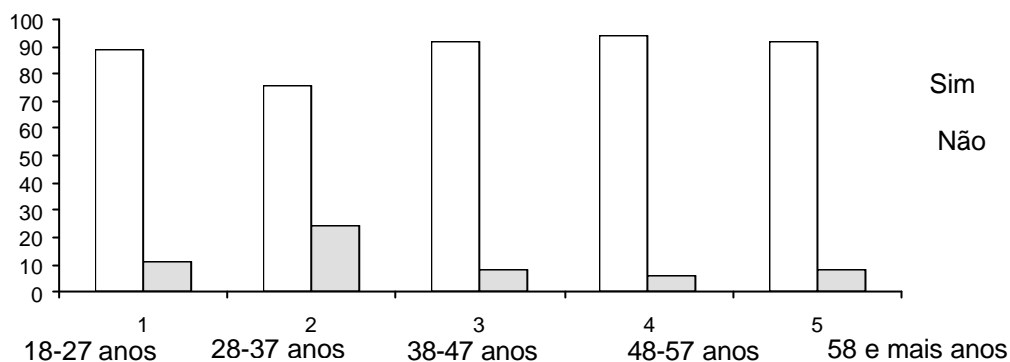
Em Novembro de 1994, se se considerasse cada grupo etário verificava-se que era o dos 65 e mais anos que apresentava maior proporção de indivíduos a considerarem o acto de votar como importante (99%), como se pode observar no gráfico 2.

Graf.2-'Para si, votar é importante?'
cruzamento com idade



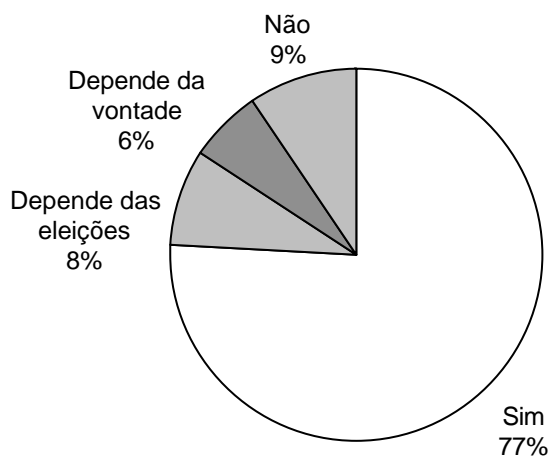
O grupo dos 18 a 24 apresentava o valor de 85% para o conjunto de indivíduos que consideram votar importante. Uma hipótese explicativa da atitude do escalão mais idoso remete para a força e disciplina moral do acto de votar no período do Estado Novo, levando os mais idosos a considerar ao momento a importância daquele acto. Sendo um sinal de capacidade política, o acto de eleger é tido como importante para o escalão mais jovem. No entanto, verifica-se que uma parte deste grupo questiona-se sobre a importância do acto de votar concluindo 14% pela negativa (como se pode ver no gráfico 2).

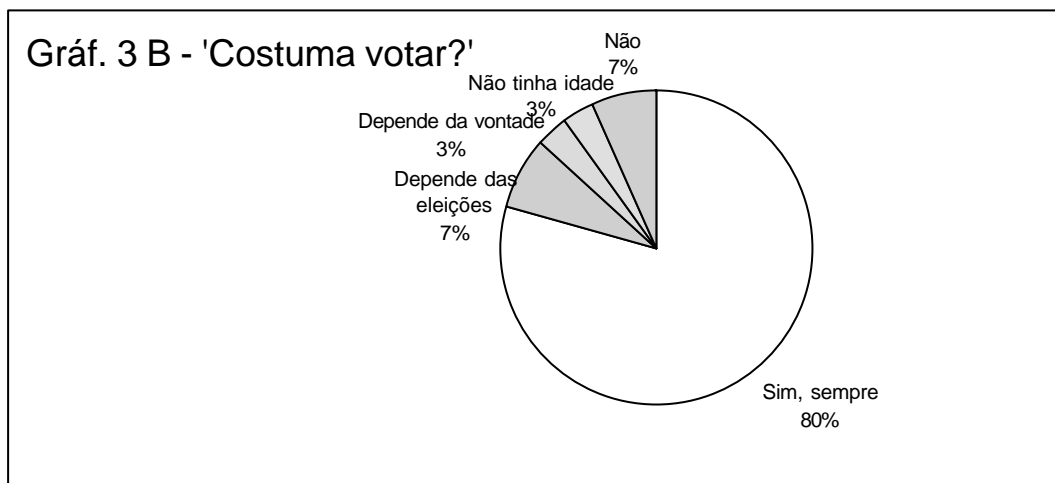
Gráf. 2 B - 'Para si, votar é importante?',
cruzamento com idade



Em Dezembro de 2000, o estudo feito apresentava valores muito próximos dos de Novembro de 1994 (ver gráfico 2B.). Exceptua-se o escalão dos 28 aos 37 anos que apresenta uma tendência ligeiramente maior para dizer que não vota. Com o erro de amostragem essa tendência pode não ser significativa, mas deve de ser levada em linha de consideração.

Graf.3-'Costuma votar?'

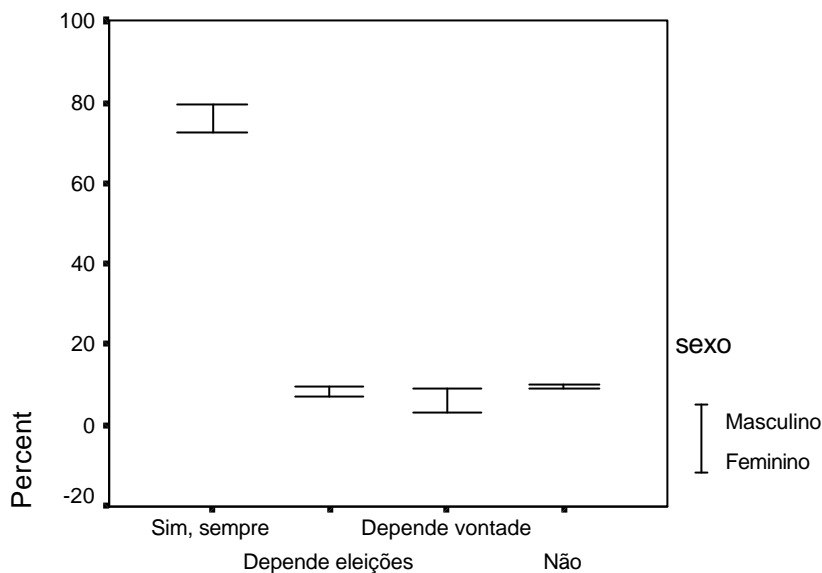




Se atentarmos às diferenças entre homens e mulheres, chegamos à seguinte distribuição de respostas. Para o sexo masculino, os dados indicam que 80% dos homens recenseados no Concelho de Lisboa, referiram votar sempre, sendo que 10% disseram não votar. 7% votam dependendo das eleições e 3% votam dependendo da vontade. Tendo em consideração o erro de amostragem (aliado ao nível de confiança), não se verificam discrepâncias significativas para o caso das mulheres, relativamente a estes valores (ver gráfico 4). Considerando as respostas daquelas, verifica-se que 72% referiram votar sempre, 9% não votar, 10% faziam-no consoante as eleições e 9% dependendo da vontade na altura. No caso da sondagem de Dezembro de 2000, a tendência verificada foi idêntica (Gráf. 4 B).

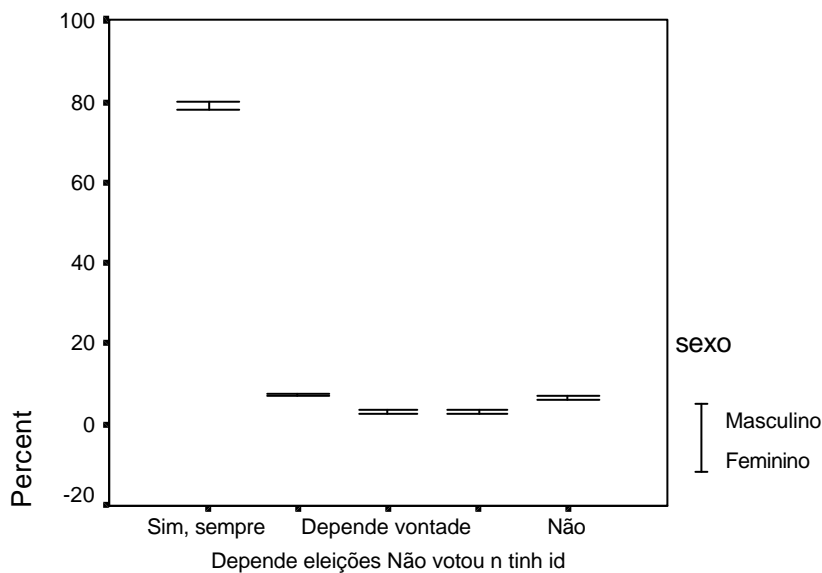
Gráf. 4 - 'Costuma votar?'

cruzamento com sexo



Gráf. 4 B - 'Costuma votar?'

cruzamento com sexo



Após ter-se perguntado aos indivíduos seleccionados como amostra dos recenseados do concelho de Lisboa em que partido votaram nas últimas eleições legislativas, perguntou-se o

seguinte: «No caso de ter votado, sempre votou nesse partido?». Como é evidente, não se pretendia saber quais os resultados das eleições legislativas para o concelho de Lisboa, através desta sondagem, já que esses dados existem discriminados para cada freguesia (e não por amostra) nos levantamentos feitos pelo STAPE (Secretariado Técnico para os Assuntos do Processo Eleitoral). Esta pergunta serviu como charneira para a pergunta seguinte que pretendia saber quantos admitiriam que mudaram alguma vez de partido político (no caso de votação em eleições legislativas). Refira-se que nesta pergunta não foram considerados os indivíduos que na pergunta anterior disseram que não votaram.

Graf.5-'No caso de ter votado, sempre votou nesse partido?'



Considerando as eleições legislativas, do total de respostas 62% dos indivíduos disseram ter votado sempre no mesmo partido enquanto que 38% disseram que já tinham votado noutro partido. A nível da variável sexo não há diferenças significativas de comportamento. Relativamente à variável idade se se considerar os que dizem que já votaram noutro partido, verifica-se que os valores se distribuem com alguma proporcionalidade. Estes valores apontam a tendência para a assumpção de parte do eleitorado de alguma volatibilidade partidária. Apesar de significativa optou-se por não incluir esta variável na sondagem de Dezembro de 2000. Na altura, o facto de se estar próximo das eleições presidenciais e dada a baixa formação política de parte do eleitorado podia-se suscitar algum efeito de confusão nos indivíduos inquiridos sobre decisões de voto tomadas para eleições diferentes.

2. Motivos de escolha dos candidatos

Saber os aspectos que mais influenciam o eleitorado na escolha de um candidato a Presidente da República foi outra questão que quisemos apurar junto da amostra referida, em ambas as sondagens. De entre as várias respostas, previu-se que haveria duas que se destacariam que eram a maneira de ser do candidato e o partido do candidato. Apresentou-se, mais adiante, a pergunta de forma mais restrita, equacionando-a de maneira a que o inquirido apenas pudesse optar por um daqueles factores de selecção do candidato a Presidente. Em Novembro de 1994, as respostas maioritárias foram para a maneira de ser do candidato (78%) como o elemento mais importante para a escolha do Presidente da República. Na sondagem de Dezembro de 2000 as respostas respectivas foram de 69% para a maneira de ser face a cerca de 24% para o partido político. Cerca de 7% optou por “não sabe”.

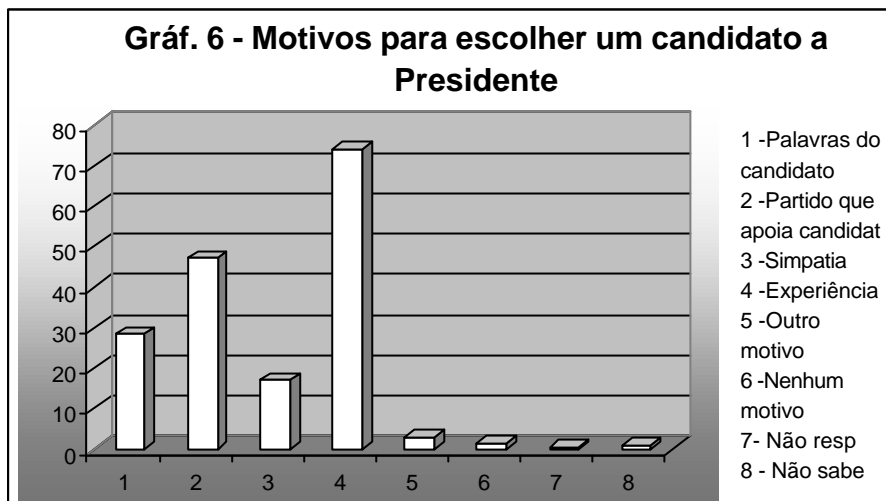
3. A Selecção do Candidato a Presidente

a. Motivos de Escolha do Candidato

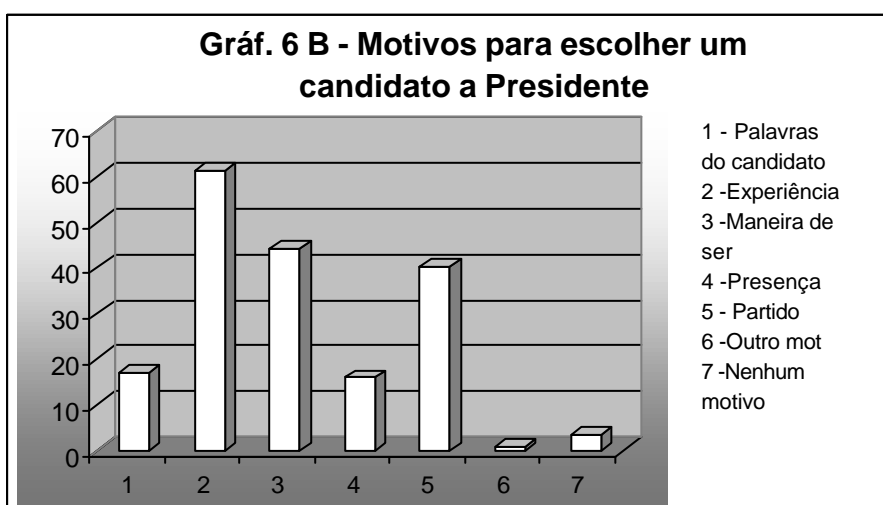
Inquiriu-se sobre a escolha do candidato a Presidente fazendo aos entrevistados a seguinte pergunta: «Diga dois motivos que o (a) levem a escolher um candidato a Presidente da República?». É conveniente referir que esta pergunta é de resposta múltipla sendo as percentagens feitas relativamente ao total de inquiridos (e não ao total de respostas). Por outro lado, nesta pergunta não se consideram os indivíduos que à pergunta anterior - «tenciona começar ou voltar a votar?» - responderam «não».

Em Novembro de 1994, fez-se aquela mesma pergunta. Em termos de apuramentos simples verificou-se a seguinte distribuição de respostas. A opção mais seleccionada como um dos factores decisivos na escolha do candidato a Presidente da República foi a experiência do candidato, com 74% das respostas. A segunda resposta mais escolhida foi o partido que apoia o candidato, com 47% das respostas. Em seguida, a opção mais escolhida pelos

recenseados do Concelho de Lisboa foi as palavras do candidato (28%). Em quarto lugar encontrava-se a simpatia do candidato, com 17% das respostas (ver gráfico 6).

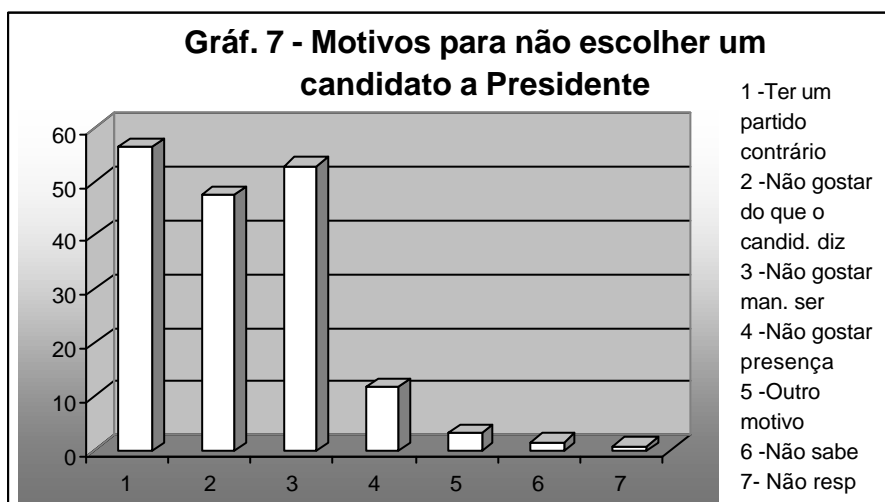


Em Dezembro de 2000, aumentaram-se e reformularam-se as opções de resposta e verificou-se que a experiência do candidato continuava a ser o primeiro factor entre os vários apresentados (cerca de 61,1%). A maneira de ser do candidato (cerca de 44%) e o partido que apoia o candidato (40,1%) foram categorias que estiveram muito próximas. Por seu lado, as palavras do candidato (cerca de 17,1%) e a presença do candidato (cerca de 16%) foram dos motivos menos evidenciados.

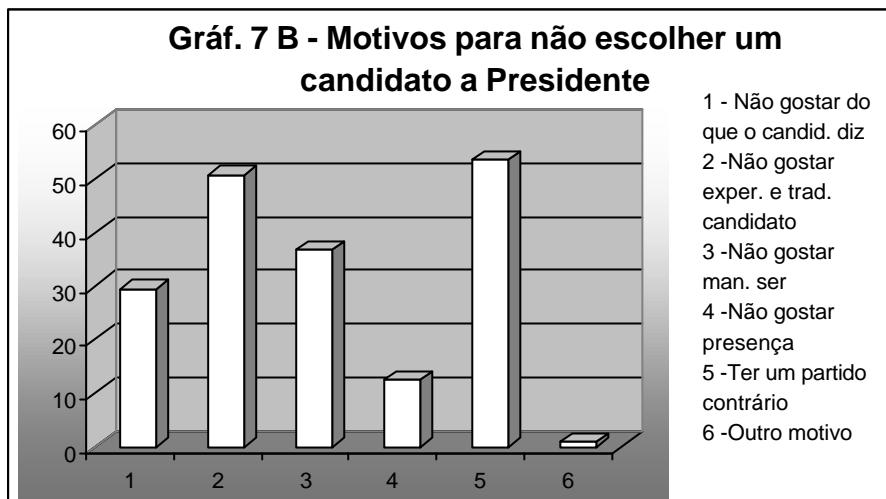


b. Motivos de Rejeição do Candidato

Quando em Novembro de 1994 se inquiriu sobre «dois motivos porque nunca escolheria determinado candidato a Presidente da República» obteve-se a seguinte distribuição de respostas. O factor mais importante para os recenseados do Concelho de Lisboa era não gostar do partido que apoia o candidato (56%), de perto seguido pela maneira de ser do candidato (53%). Em terceiro lugar estava a resposta «não gostar do que o candidato diz» (47%). Em quarto vinha «não gostar da presença do candidato» (12%). Por fim encontrava-se respostas pouco significativas como «outro motivo» (3%), «não sabe» (2%), «não responde» (1%) (ver gráfico 7). Refira-se que também esta pergunta era de resposta múltipla, sendo as percentagens calculadas relativamente ao total de inquiridos e não relativamente ao total de respostas.



Para os recenseados do concelho de Lisboa, pode-se dizer que, em Dezembro de 2000, (note-se que houve um reajustamento do questionário) a tendência vai no sentido de rejeitar o candidato presidencial por não se gostar do partido apoiante (cerca de 53,8%) bem como da experiência e tradição política do candidato (cerca de 51%). A maneira de ser do candidato foi também um motivo forte apontado (36,8%). Não gostar do que o candidato diz teve importância mas não foi um motivo tão escolhido (29,1%).



Na sondagem de Novembro de 1994, tendo em consideração a variável sexo, verificava-se que para os homens a resposta mais pontuada era não gostar do partido que apoia o candidato (56%), seguida de «não gostar do que o candidato diz» (52%). Em terceiro lugar aparecia «não gostar da maneira de ser do candidato» (50%). Para as mulheres o primeiro factor era também o partido (57%), resposta que é muito próxima da segunda mais escolhida, isto é, «não gostar da maneira de ser do candidato» (56%). Em terceiro lugar estava a resposta «não gostar do que o candidato diz» (43%). Segundo os dados, comparando homens e mulheres, verifica-se que estas atribuíam mais importância ao factor «maneira de ser» na rejeição de um candidato a Presidente, do que os homens, o que tomando essa resposta de *per si* dá os valores 46% de escolhas para os homens e 54% para as mulheres. Quanto à resposta «não gostar do que o candidato diz», havia também discrepância entre homens e mulheres, cujas respostas apresentam os valores respectivos de 55% e 45%, isto é, as mulheres atribuíam menor importância comparativa às palavras do candidato.

Na sondagem de Dezembro de 2000, não pareceu relevante a margem de diferença significativa entre homens e mulheres para as diversas categorias de resposta.

Na sondagem de Dezembro de 1994, tendo em conta a idade e a sua relação com os motivos para não escolher determinado candidato a Presidente da República, verificou-se uma

distribuição regular para as primeiras três respostas. Refira-se, no entanto, a ligeira predominância entre os indivíduos com mais de 65 anos para a resposta «não gostar da maneira de ser do candidato» (58%) e para o «partido apoiante contrário às suas ideias políticas» (53%). Para este grupo «não gostar do que o candidato diz» aparece em terceiro lugar (39%).

Para Dezembro de 2000, não se verificaram diferenças significativas se compararmos os grupos etários, à excepção da resposta maneira de ser do candidato, que foi mais escolhida pelos mais idosos - a partir dos 58 anos - (cerca de 58% dentro do grupo etário) enquanto que dentro do grupo dos 18 aos 27 anos aquela resposta teve menor valor (cerca de 36%). No caso do partido político, dentro do grupo mais jovem (cerca de 49%) verificou-se um maior peso para esta opção. Dentro dos mais idosos cerca de 36% considerou importante o mesmo.

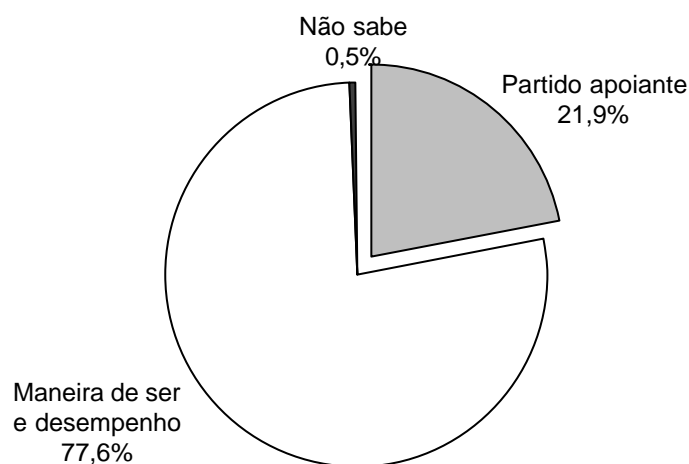
Assim, em termos gerais, na segunda sondagem (a de Dezembro de 2000) os dois motivos - maneira de ser e partido político - estiveram muito próximos, sobressaindo a experiência e a tradição política do candidato como factor mais escolhido. Na rejeição do candidato, quer a experiência quer o partido foram as categorias mais pontuadas.

Dir-se-ia que do concurso dos diversos motivos referidos, tornou-se manifesta, para o grupo focado no estudo, a dificuldade de destacar um primeiro motivo. No entanto, pode-se aventar que os inquiridos manifestaram a predominância, ainda que pouco notória (de entre o leque das primeiras opções escolhidas), de motivos relativos à maneira de ser, ao passado político do candidato, sobre o motivo partido apoiante, como factores para seleccionar um candidato a Presidente. Dois motivos predominantes na selecção (escolha e rejeição) de um candidato a Presidente foram, pois, a maneira de ser, por um lado, e por outro o partido que apoia o candidato.

c. Motivo Principal de Escolha do Candidato

Em Novembro de 1994, para a pergunta «Diga qual dos seguintes aspectos tem mais importância para si nas eleições para presidente da República?», a maneira de ser do candidato foi a resposta mais escolhida pelos recenseados do Concelho de Lisboa (78%) face ao partido político (ver gráfico 8).

Graf.8- Aspecto mais importante nas eleições para Presidente da República



Nessa sondagem, comparando os valores entre sexos não se encontram diferenças significativas (para a resposta relativa a partido político: 52% para o sexo masculino e 48% para o sexo feminino e para a resposta maneira de ser do candidato: 49% e 51% respectivamente). Neste caso, o sexo não se apresenta como variável que permita distinguir diferenças de comportamento.

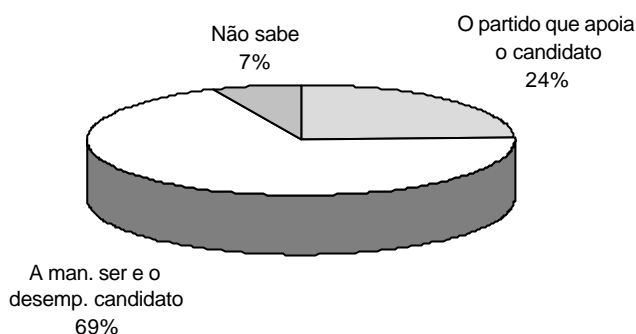
Na mesma sondagem, se se considerar cada um dos escalões etários como objecto de análise relativamente à primeira resposta (que, repita-se, teve 22% das preferências) verificou-se que o escalão que mais importância comparativa dá ao partido do candidato é o dos 65 e mais anos (27%). Os valores mais baixos foram para os escalões dos 55 a 64 e dos 35 a 44 (com 5% e 10%, respectivamente) os quais, refira-se, foram também os menos representativos na amostra, correspondendo a 14,2% e 14,4% do total em termos de idade. Por ordem

crescente, em seguida, colocaram-se os escalões dos 18 a 24, 25 a 34, 45 a 54 com valores aproximados (respectivamente, 18%, 18%, 22%).

Verificou-se, pois, que os indivíduos com mais de 65 anos deram mais importância relativa ao partido político na escolha do candidato a Presidente. No entanto, o escalão imediatamente anterior (55 a 64 anos) correspondeu a um grupo mais flexível em termos de associação entre eleições presidenciais-partido político apoiante, já que não valorizou este aspecto na selecção de um candidato a Presidente. Poder-se-ia dizer que a selecção partidária foi um factor mais determinante para os indivíduos com mais de 65 anos, que tendencialmente se apresentaram como mais influenciáveis em razão do partido político. A explicação hipotética que se pode apresentar para esta resposta é a de este grupo ter menos susceptibilidade para partilhar ideias políticas diferentes daquelas com as quais usualmente simpatiza, já que isso implica alguma renovação pessoal da coerência política. Relativamente à resposta mais escolhida na selecção para um candidato para Presidente da República, «a maneira de ser e o desempenho do candidato» (78%), gostaríamos de fazer algumas salientar alguns valores na comparação de respostas entre escalões etários. O valor mais alto encontrou-se no escalão dos 45 a 54 anos que é de 19%. A seguir encontrava-se o escalão dos 18 a 24 anos (18%). Depois veio os 55 a 64, 25 a 34, 35 a 44, (com os valores respectivos de 17%, 17%, 15%) sendo o escalão com os valores mais baixos o dos 65 e mais anos, com 14%. Confirmou-se, pois, a tendência no escalão dos 65 e mais anos para uma valorização relativa menor quando comparada com os outros escalões etários relativamente ao item «maneira de ser e desempenho do candidato».

Para Dezembro de 2000, a evolução foi no sentido da sondagem de Novembro de 1994, pois a maneira de ser do candidato continuou a ser o motivo largamente mais importante (69%) face ao partido político (cerca de 24%). Cerca de 6% dos inquiridos não sabiam de entre apenas os dois aspectos qual o mais importante.

Gráf. 8 B - Aspecto mais importante nas eleições para Presidente da República



Considerando homens e mulheres não houve diferenças significativas. Em termos de idade destacou-se para os mais velhos (58 e mais anos) a maneira de ser como um motivo preponderante (cerca de 73%). Entre os mais novos (18 - 27 anos), esse motivo, apesar de importante não foi tão significativo (cerca de 58%). Lembre-se que na sondagem realizada cinco anos antes começava a verificar-se para os grupos antes e próximos dos 65 anos um peso maior dado à maneira de ser do candidato. Essa tendência começou a ficar mais notória nesta última sondagem.

Em relação ao partido político, apesar de haver diferenças se se comparar o grupo mais jovem (18 a 27 anos: cerca de 32%) com o mais idoso (mais de 58 anos: cerca de 23%), estas não pareceram tão significativas. Conclui-se que existe a tendência para a valorização da maneira de ser do candidato para as eleições presidenciais se se considerar um período evolutivo de cinco anos.

CONCLUSÃO

SÍNTESE DOS PRINCIPAIS RESULTADOS:

Sobre a importância de voto

1 - Em ambas as sondagens houve valores muito próximos quanto à importância dada ao acto de votar (em Novembro de 1994 a maioria dos inquiridos - 90% - respondeu sim bem como em Dezembro de 2000, 89%).

2 - Notou-se também proximidade de valores em ambas as sondagens quanto à variável “costuma votar” 76% e 79%.

Sobre a Selecção do Candidato a Presidente

a. Motivos de Escolha do Candidato

1 – Em Novembro de 1994, as opções mais seleccionadas como factores decisivos na escolha do candidato a Presidente da República foram:

- a experiência do candidato, com 74% das respostas.
- a segunda resposta mais escolhida foi o partido que apoia o candidato, com 47% das respostas.
- em seguida, a opção mais escolhida pelos recenseados do Concelho de Lisboa foi as palavras do candidato (28%)
- em quarto lugar encontrava-se a simpatia do candidato, com 17% das respostas.

2 - Em Dezembro de 2000, aumentaram-se e reformularam-se as opções de resposta e verificou-se que

- a experiência do candidato continuou a ser o primeiro factor entre os vários apresentados (cerca de 61,1%).
- a maneira de ser do candidato (cerca de 44%) e o partido que apoia o candidato (40,1%) foram categorias muito próximas.
- as palavras do candidato (cerca de 17,1%) e a presença do candidato (cerca de 16%) foram dos motivos menos evidenciados.

b. Motivos de Rejeição do Candidato

1 - Em Novembro de 1994, os factores mais importantes para os recenseados do concelho de Lisboa nunca escolherem um determinado candidato a Presidente foram:

- não gostar do partido que apoia o candidato (56%), de perto seguido pela maneira de ser do candidato (53%).
- em terceiro lugar, obteve-se a resposta «não gostar do que o candidato diz» (47%).
- em quarto veio «não gostar da presença do candidato» (12%).

2 - Em Dezembro de 2000, para os recenseados do concelho de Lisboa, (note-se que houve um reajustamento do questionário) a tendência foi no sentido de rejeitar o candidato presidencial pelos seguintes motivos:

- por não se gostar do partido apoiante (cerca de 53,8%) bem como da experiência e tradição política do candidato (cerca de 51%).
- a maneira de ser do candidato foi também um motivo forte apontado (36,8%).
- não gostar do que o candidato diz teve importância mas não foi um motivo tão escolhido (29,1%).

3 - Em ambas as sondagens, todas as opções foram escolhidas por homens e mulheres com a mesma ordem de prevalência

4 - Os motivos mais escolhidos e com valores muito próximos para selecção de um candidato a Presidente da República foram os relativos à maneira de ser e ao passado político do candidato. Estes tiveram preponderância sobre o motivo partido apoiante.

c. Motivo Principal de Escolha do Candidato

Sobre os motivos de escolha dos candidatos

1 - Em Novembro de 1994, o motivo principal de escolha dos candidatos presidenciais foi: a maneira de ser do candidato (78%). Na sondagem de Dezembro de 2000, a resposta mais escolhida foi a maneira de ser, com 69%, face a cerca de 24% para o partido político, notando-se um peso ligeiramente menor no primeiro motivo, o que pode indiciar o peso do trabalho permanente da oposição ao segundo mandato do PS na Assembleia da República.

2 - Em Novembro de 1994, o grupo dos 65 e mais anos apresentava maior proporção de indivíduos a considerar o acto de votar como importante (99%). O grupo dos 18-24 apresentava o valor de 85% para o conjunto de indivíduos que consideraram votar importante. Esta tendência manteve-se em Dezembro de 2000 já que o estudo feito apresenta valores muito próximos. A mesma deve ser considerada em estratégias políticas deste tipo de eleições indicando que, tendo em conta o contexto político específico do período eleitoral, os valores pessoais devem tender a prevalecer sobre o partido político.

FICHA TÉCNICA:

SONDAGEM 1 (sobre eleições presidenciais):

Período da recolha de dados: Novembro de 1994

Universo: 669 438 recenseados das 53 freguesias do concelho de Lisboa
(dados actualização do recens. eleitoral de 1993)

Amostra:

- Probabilística por estratos/classes de freguesias
(de acordo com o DL 100/84 de 12 de Agosto)
- Não probabilística por quotas de sexo e idade
(de acordo com dados do recenseamento geral da população de 1991)
- Dimensão: 400
- Erro de amostragem: 5% para um nível de confiança de 95%

Técnica de recolha de dados: *random routing*

SONDAGEM 2 (sobre eleições presidenciais):

Período da recolha de dados: 16/17 de Dezembro de 2000

Universo: 594 608 recenseados das 53 freguesias do concelho de Lisboa
(dados da actualização do recens. eleitoral de Set. 2000)

Amostra:

- Probabilística por estratos/classes de freguesias (de acordo com o DL 100/84 de 12 de Agosto)
- Não probabilística por quotas de sexo e idade
(de acordo com dados do recenseamento geral da população de 1991)
- Dimensão: 270 indivíduos
- Erro de amostragem: 5,8% para um nível de confiança de 95%

Técnica de recolha de dados: *random routing*

BIBLIOGRAFIA

Albarello, Luc *et alia* (1995), *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva, 1997.

Bryman, Alan, *Quantitativity and Qualitativity in Social Research*, London, Routledge, 1988.

Cayrol, Roland, *Sondages - Modes d' Emploi*, Paris, Presses de Sciences Po, 2000.

Espírito Santo, Paula, *O Processo de Persuasão Política - Abordagem Sistémica da Persuasão com Referências ao Actual Sistema Político Português*, Lisboa, ISCSP, 1997.

Espírito Santo, Paula *et alia* (coord. por António Marques **Bessa**), “A sede do Poder em James Burnham”, *Elites e Poder*, Lisboa, ISCSP, 1997.

Espírito Santo, Paula *et alia* (coord. por Adelino Torres), “Problemas Conceptuais e do Método em Ciência Política: Alguns Legados Epistemológicos Contemporâneos” in *Episteme* - Revista Multidisciplinar da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, Editorial Vega, Fevereiro de 2000.

Kurtz, Norman R., *Introduction to Social Statistics*, Singapore, McGraw-Hill Book Co., 1983.

Lazarsfeld, Paul F., (edited by Raymond **Boudon**), *On Social Research and Its Language*, Chicago, The University of Chicago Press, 1993.

McNeil, Patrick (1985), *Research Methods*, London, Routledge, 1990.

Moreira, Carlos Diogo, *Planeamento e Estratégias da Investigação Social*, Lisboa, ISCSP, 1994.

Pereira Neto, João N. B., *A Classe Média Portuguesa num Contexto de Mudança*, Lisboa, ISCSP, 1984.